

Representações da escola como lugar: real e imaginário na percepção de alunos de um curso de Ensino Médio Técnico

Representations of the school as a place: real and imaginary in the perception of students of a Technical High School

Maria Clara Lopes Saboya

Faculdade Fernão Dias, Brasil

E-mail: prof.clara@folha.com.br

Recebido: 29/06/2018 – Aceito: 06/07/2018

Resumo

O objetivo do presente artigo é apresentar um estudo sobre representações da escola por meio de desenhos. Neste trabalho, analisam-se as representações do espaço escolar que alguns alunos fizeram, por meio de desenhos. Essas representações foram produzidas por adolescentes do sexo feminino e masculino, que têm entre 15 e 18 anos e estão no 4º módulo do curso de Gestão, no Ensino Médio Técnico, em uma instituição da rede particular de ensino, localizada na Região Metropolitana de São Paulo. No processo de coleta de dados, solicitou-se aos alunos que desenhassem a escola como eles a viam. Assim, o conjunto dos desenhos nos proveu de rico material para análise, o que revelou ser a escola um lugar significativo de relações, fonte de experiências, de aprendizagens e um espaço de contradições.

Palavras-chave: Representação. Curso técnico. Desenho. Real. Imaginário.

Abstract

The purpose of this article is to present a study of school representations through drawings. In this work, we analyze the representations of the school space that some students did, through drawings. These representations were produced by male and female adolescents, who are between 15 and 18 years old and are in the 4th module of the Management course in Technical High School, in an institution of the private education network, located in the Metropolitan Region of São Paulo, Brazil. In the data collection process, students were asked to design the school as they saw it. Thus, the set of drawings provided us with rich material for analysis, which revealed that school is a significant place of relationships, source of experiences, learning and a space of contradictions.

Keywords: Representation. Tech school. Drawing. Real. Imaginary.

1. Introdução

A palavra *representação* tem sentido altamente complexo e diversificado. Sua origem etimológica vem do latim *repraesentare* e significa “apresentar de novo”, remetendo à imagem ou ideia resultante da interpretação de alguma coisa, na relação de conhecimento que se estabelece entre sujeito e objeto, ou entre sujeito e fato (SANTOS, 2011).

Desde a mais remota antiguidade, o ser humano utilizou-se de desenhos para representar ideias ou situações reais. O conceito de representação através do desenho conduz à reprodução de uma imagem mental ou real tornada registro pelo traço, pelo risco, numa superfície qualquer. Há casos de representações utilizando imagens da web como consideram Shitsuka, Pereira e Shitsuka (2018) que mostram que é possível se considerar a existência do senso comum por meio dessas representações.

O papel do imaginário é aqui fundamental. É a imaginação que vai servir de mediadora entre o vivido e o pensado, entre a percepção do espaço ou lugar (enquanto objeto) e a sua representação; entre a acolhida dada pelo corpo – através dos sentidos (sensorial e emocional) – e a ordenação do espírito (pensamento).

A imaginação, ao tornar o mundo presente em imagens, possibilita a síntese criativa: “O mundo imaginário assim criado não é irreal. É, antes, uma possibilidade que não se fixa numa forma cristalizada. A imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos” (ARANHA, 2006, p. 19).

Derdyk (2010) lembra que seja qual for o motivo que traz à mente do ser humano a vontade de representar um objeto ou uma ideia, o desenho nunca é mera representação servil dos mesmos. A percepção se encarrega de reinterpretar, reconstruir e reapresentar a realidade, como resultado de uma complexa leitura e elaboração, marcada pelas idiosincrasias individuais.

Assim, o ato de representar o mundo visível e invisível por meio do desenho, é entendido, ao longo deste trabalho, como uma forma de deixar uma marca, expressão do pensamento imagético de quem desenha. A esse respeito escreve Silva (1997) que na sociedade ocidental, a visão (mais que o olhar) promove continuamente nosso acesso ao mundo exterior.

Por essa razão, toda imagem é suportada por um referente ancorado na realidade. Mesmo as imagens elaboradas ao nível do imaginário mantêm com a realidade nexos que evidenciam aspectos de uma relação fundamentada na correspondência entre uma e outra – realidade e imaginação.

Nesse sentido, as imagens se apresentam como modelagens da realidade que

remetem à representação do mundo, ou seja, nos encontramos frente a uma modelagem representativa, uma função icônica dominante, como escreve Silva (op. cit.). Entre a imagem e a realidade existirá uma contínua correspondência estrutural, mesmo que a infinita variedade icônica torne impossível qualquer definição monossêmica do conceito de imagem.

O desenho não foge a essa regra e enquanto forma de expressão descritiva e estética, sofre as influências culturais de uma época e local. Dependendo da forma como o ser humano se imagina cosmologicamente, se vê e se percebe no mundo, conforme sua concepção de vida, de lugar, de espaço e de alteridade, teremos formas diferentes de expressão pelo desenho e formas diferentes de apropriação e interpretação das imagens.

Atualmente, passados milhares de anos desde a época das cavernas em que os pré-históricos fizeram as primeiras pinturas rupestres, as pessoas continuam representando, por meio do desenho, seus medos, suas necessidades, conquistas e derrotas, só que em meio a uma sociedade caracterizada pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação, que exercem grande influência quanto à maneira como os indivíduos se percebem e percebem o mundo.

Sem minimizar a importância das outras formas de representação, enfatizamos que a imagem obtida pelo desenho sempre se apresentou como poderosa forma de expressão de ideias, fatos, pessoas e objetos e, nos dias de hoje, em que vivemos *o mundo das imagens*, mais ainda; por esse motivo, utilizamos o desenho como forma de representação em nossa pesquisa.

Nosso objetivo é apresentar um estudo sobre representações da escola por meio de desenhos, visando compreender como o adolescente concebe o espaço escolar, a partir das influências da complexa rede de comunicações em que todos estamos imersos. Nosso pressuposto é que a era da cibernética, da automação, influencia profundamente o adolescente em sua maneira de se relacionar socialmente, em sua comunicação, seus gostos, seus valores, seus padrões estéticos e de comportamento, mas sobretudo, no âmbito de nossa pesquisa, sua visão a respeito da escola e da educação, estas passíveis de interpretação por meio do desenho.

De fato, as diversas representações do espaço escolar feitas pelos alunos expressam marcas simbólicas, historicamente construídas e incorporadas no imaginário escolar. Assim, a leitura do espaço escolar parece ter sido feita a partir de um conjunto de conhecimentos e habilidades que expressam uma visão incorporada, por meio da educação e da convivência social, que reflete uma condição de classe social, a partir da qual se constrói a perspectiva de espaço, de representação de espaço e de construção das relações espaciais.

Nesse processo, a função simbólica desempenha importante papel na leitura do espaço, que se faz a partir de uma representação mental que funciona como modelo, como parâmetro de comparação para a representação gráfica do espaço real; essa contradição entre real e imaginário aparece de forma muito clara nos desenhos feitos pelos alunos.

Dessa forma, como esclarecem Frago e Escolano, a representação do espaço é mais do que mera reprodução:

Todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, se não lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaço que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 78).

Concordamos com a colocação dos autores uma vez que a percepção está relacionada à cultura e nos permite verificar as diferenças existentes entre o real e o imaginário.

2. A representação da escola: real e imaginário

A representação do espaço escolar real em relação a um espaço imaginário parece refletir necessidades artificialmente estimuladas pelos meios de comunicação e, mais do que isso, a construção urbana, no caso específico de nosso estudo, a representação do espaço escolar, aparece como um elemento-chave das relações de produção e consumo, ou antes, exprimem formas de divisão social e territorial do trabalho.

Assim, a leitura que os alunos fizeram do espaço escolar parece estar ligada àquilo que caracteriza duplamente a cidade capitalista, como descreve Lojkine (1997, p. 145), ou “a produção do espaço urbano sob o capital”:

a) A concentração crescente dos meios de consumo coletivos que vão, pouco a pouco, criar um modo de vida, necessidades sociais novas – da “civilização urbana”;

b) O modo de aglomeração específico do conjunto dos meios de reprodução (do capital e da força de trabalho) que vai se tornar uma condição cada vez mais determinante do desenvolvimento econômico e influenciar na representação e produção do espaço, transformando-o em *lugar*.

Nesse sentido, a representação simbólica do espaço mantém vínculo estreito com a forma como os homens se organizam para a produção, circulação, distribuição e consumo dos produtos necessários à sua subsistência. De tal modo, os espaços são apropriados como forma de materialização dessas relações sociais, numa concretude preñe de significado simbólico.

Percebemos que a disciplinarização e o controle do corpo constituem-se em fatores determinantes para a criação de um *ethos* adequado ao modo capitalista de produção:

Operava-se, já no fim dos anos 20, um deslocamento no campo pedagógico. Se até aquele momento as preocupações educacionais iam no sentido de prevenir ou corrigir o corpo infantil, a partir de então elas passaram a ocupar-se em moldar a natureza da criança, buscando obter eficiência. [...] “Civilizar” [...] significava disciplinar os corpos para a modernidade (VIDAL; GVIRTZ, 1998, p. 19-20).

Na busca da eficiência, o corpo dos alunos foi adequado, historicamente, ao espaço escolar (predeterminado e padronizado – válido para todos). A escola é, por essa razão, percebida como o *lugar* da disciplina, do controle real e simbólico do corpo, dos gestos, da fala e da escrita – espaço de controle, vigilância e punição.

Nessa perspectiva, escrevem Frago e Escolano: “Uma determinada leitura de Foucault – sobretudo em Vigiar e punir – caracteriza a escola, limitada a um espaço fechado, junto a outras instituições disciplinares, de denominação e de controle, tais como quartéis, hospitais ou cárceres” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 79).

Assim, se na escola da Antiguidade e da Idade Média não havia preocupação com a disciplina e alunos de diferentes sexos e idades se acumulavam no mesmo espaço escolar (hospedaria, casa, pensão, taverna, igreja), aprendendo simultaneamente coisas diferentes; na Modernidade, ao contrário, o fenômeno de urbanização e o capitalismo criam forte expectativa em relação à educação, pois a produtividade no trabalho exige, além de qualificação da mão de obra, normatização e disciplina.

O controle do tempo, dos gestos, do corpo, das relações, do gênero, será fundamental num mundo onde os valores básicos são o individualismo e a autonomia. Esse *ethos* parece incorporado na representação mental que os alunos fazem da escola: a crença no seu poder moralizador e civilizador e na sua capacidade de consolidar a ordem social vigente reflete-se em sua construção dotada de uma estrutura coerente, simétrica, fechada, durável, constituição esta que aparece de forma muito clara nos desenhos dos alunos, como veremos a seguir.

Por outro lado, a escola, embora responsável pela incorporação dos valores necessários à formação do *ethos* capitalista, aparece nos desenhos como domínio do “não trabalho”, como *lugar* do conhecimento e, por vezes, do lazer. Como escrevem Frago e Escolano (2001, p. 77): “A escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera fluxos energéticos”.

Em outra perspectiva, a imagem que os alunos têm da escola e dos professores parece estar impregnada de um conteúdo altamente negativo. Essa visão, segundo Ferreira (apud Ortega, 2012) deve-se, em grande parte, à impressão repercutida pela mídia que repete,

com frequência, um discurso pejorativo sobre os professores.

O professor é uma figura de deveres em uma sociedade de direitos. Cada vez mais ele carrega um peso não compartilhado por outros atores sociais. É comum dizer que o país precisa investir em educação, que apenas ela poderá criar as bases para uma nação melhor, mais justa e humanitária, que tanto questões sociais quanto econômicas estão intrinsecamente ligadas à educação. Mas nós confiamos em nossos professores como os agentes deste futuro? O meio jornalístico parece não apenas desacreditar no potencial dos professores, como também estar direcionando o olhar dos leitores (DIMARCH, 2012, s/p).

Além dessa influência, pode-se afirmar também que aprender exige disciplina, sentido de dever e responsabilidade, o que, na visão de muitos alunos, significa privação de liberdade. A atitude de muitos professores, ao exigir rigor nas aulas e controle disciplinar, é confundida com autoritarismo. Nesse sentido, muitos alunos não percebem significado no ato de estudar, nem reconhecem o estudo como algo benéfico, identificando tanto a escola, como a postura rigorosa dos professores com algo negativo.

3. Metodologia

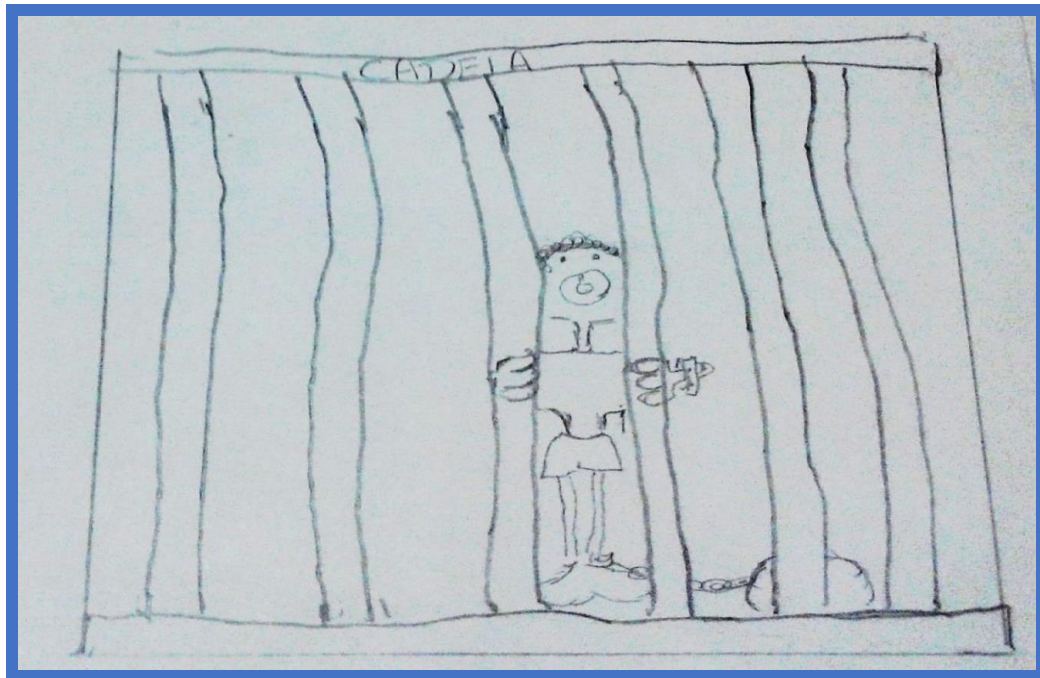
Para a coleta de dados, solicitou-se que 12 alunos de um curso de Ensino Médio Técnico em Gestão fizessem desenhos sobre a escola, tal como a viam. A escola, considerada de grande porte, está localizada na Região Metropolitana de São Paulo e faz parte da rede particular de ensino. Desses alunos, seis são do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idade variando entre 15 e 18 anos.

Os desenhos foram analisados com base na metodologia qualitativa-interpretativa (aquela que aborda dados subjetivos e intersubjetivos, na interação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado) (MARTINS, 2004). Percebe-se, ao analisar a leitura do espaço que os alunos fizeram, os fluxos que se hierarquizam e se sobrepõem, numa referência simbólica às desigualdades sociais que se expressam na produção e apropriação do espaço; mas, a escola aparece também como parte integrante de um circuito urbano mais amplo, compondo as relações do contexto das cidades.

4. Resultados

Dentre os resultados, pode-se observar que a escola aparece sempre como elemento central, extremamente disciplinadora, controladora, comparada a uma prisão, demonstrando uma visão consciente e crítica, por parte dos alunos, na percepção e representação da escola, como se pode perceber na Figura 1, a seguir.

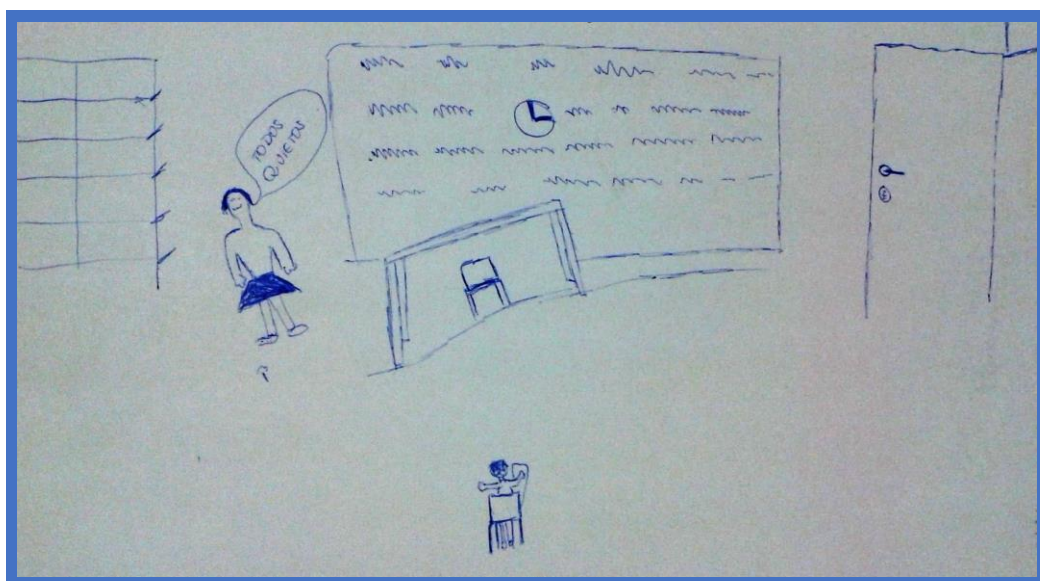
Figura 1 – Representação de aluna de 17 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

A Figura 1 apresenta um desenho de uma aluna, no qual se verifica a ideia de escola semelhante a uma prisão. Esta imagem, em princípio, nos traz a evocação de Foucault (2014) em sua obra *Vigiar e punir* e pode-se considerar a escola como sendo um dos espaços mais vigiados que existem. A Figura 2 também ilustra essa questão, desta vez, na visão de um aluno.

Figura 2 – Representação de aluno de 18 anos sobre a escola

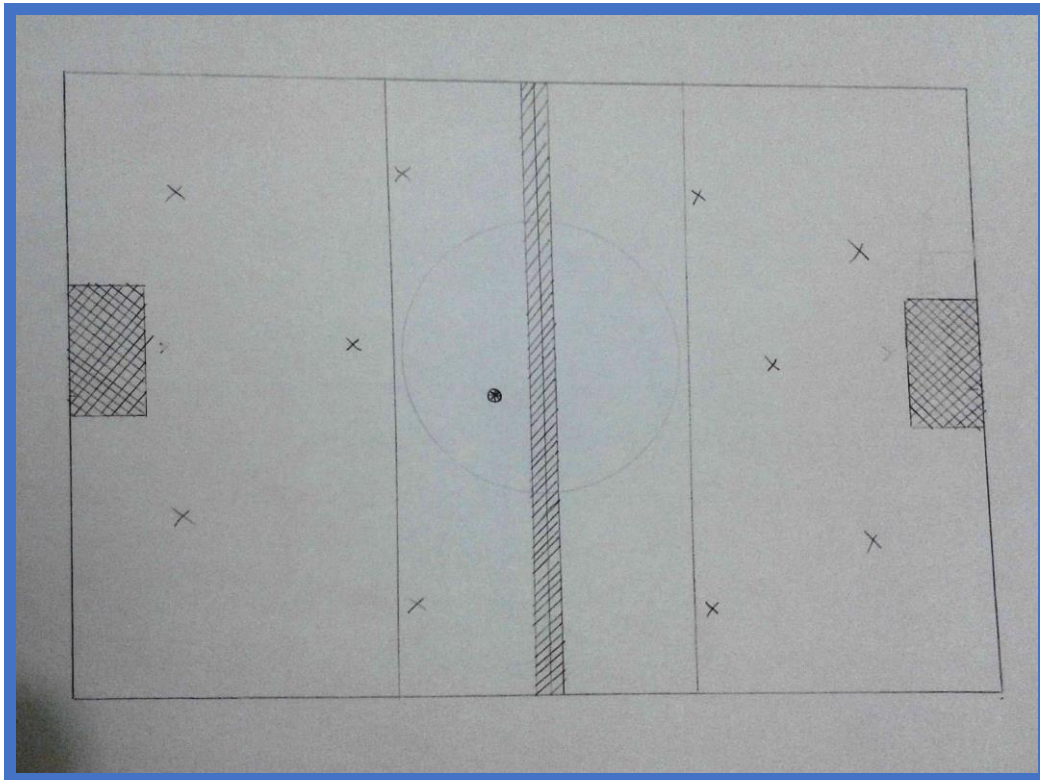


Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Observação: na Figura 2 a professora diz “Todos quietos!”

Verifica-se, por meio das imagens, que o espaço percebido é representado por alguns alunos de forma seletiva, dando prioridade à quadra, ao pátio e a outras dependências, descentralizando o espaço do prédio e tomando a parte pelo todo. Dessa forma, o espaço mais agradável, como é o caso da quadra, para eles, acabou sendo representante do todo (Figura 3).

Figura 3 – Representação de aluna de 16 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo

Na maioria das vezes, o desenho ocupa quase toda a extensão do papel. Assim, a forma como os alunos concebem o espaço escolar e o organizam se reflete também na organização do espaço gráfico: ao receberem a folha de papel em branco trataram logo de preenchê-la com o que foi solicitado, numa menção clara de apropriação do espaço simbólico do papel.

A ocupação de todos os espaços parece ser, para eles, uma questão vital em sua busca de constituição da identidade, na passagem para a vida de adulto (com a inserção no mercado de trabalho), no universo capitalista em que o espaço apropriado é sinônimo de *status*. Em um dos desenhos a representação da escola aparece através de uma alegoria que acena para o futuro (Figura 4).

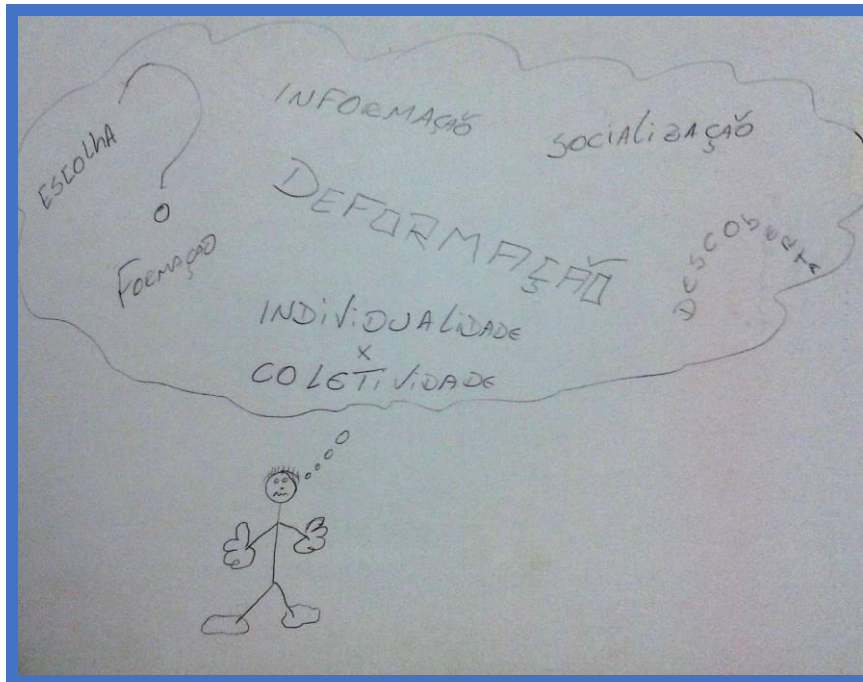
Figura 4 – Representação de aluna de 15 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo

Assim, a organização do mundo pelos alunos se dá de modo simultâneo e complementar à organização de si mesmos. O real é construído, percebido e representado tanto pelas ações frente ao meio, como frente ao outro (Figura 5). Por meio da ação e da represent(ação), os alunos constataam uma realidade que existe, independentemente dos seus desejos e escolhas, contrastando informação, formação e deformação; socialização e individualidade.

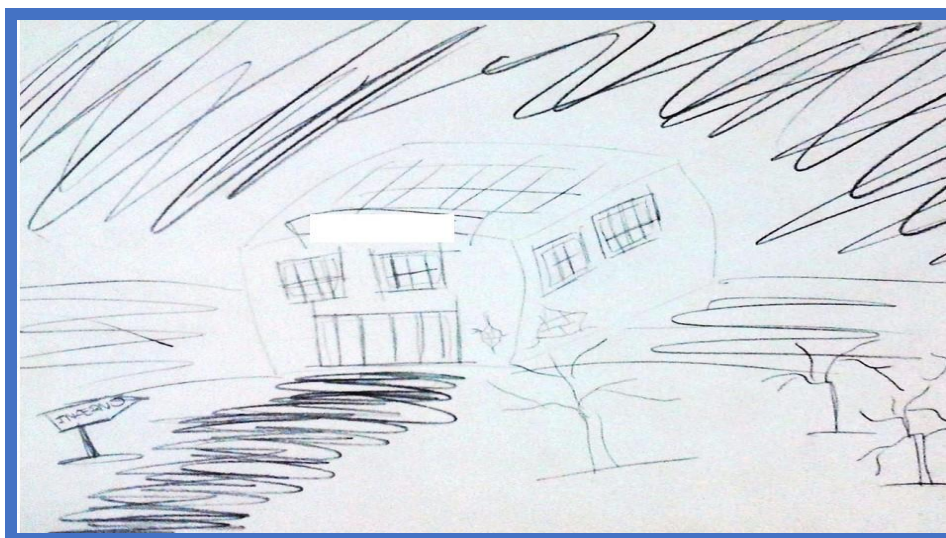
Figura 5 – Representação de aluno de 15 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo

Em alguns desenhos, percebemos a representação da disciplina higienista citada por Vidal e Gvirtz (1998, p. 18) em que a racionalização de espaços e fluxos, definição de usos e funções e normatização das fachadas destacam o prédio escolar na paisagem urbana pelas grandes dimensões de seu edifício (Figura 6).

Figura 6 – Representação de aluno de 15 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Observação: Inseriu-se uma tarja branca no desenho para preservar o nome da instituição.

Na Figura 6, se pode perceber uma placa indicativa que aponta para a escola, na qual se lê “inferno”. Nesse contexto, também a figura do professor aparece associada a algo negativo, maligno, autoritário e amedrontador, como se vê na Figura 7. Essa imagem do docente no ambiente escolar representa uma visão autoritária, de dominação e controle, com ausência de diálogo e caráter impositivo da atuação do professor, como características da visão que o aluno tem desse profissional. A imagem do docente, denegrada no desenho da Figura 7, contribui para a desvalorização da escola e de seu papel em nossa cultura.

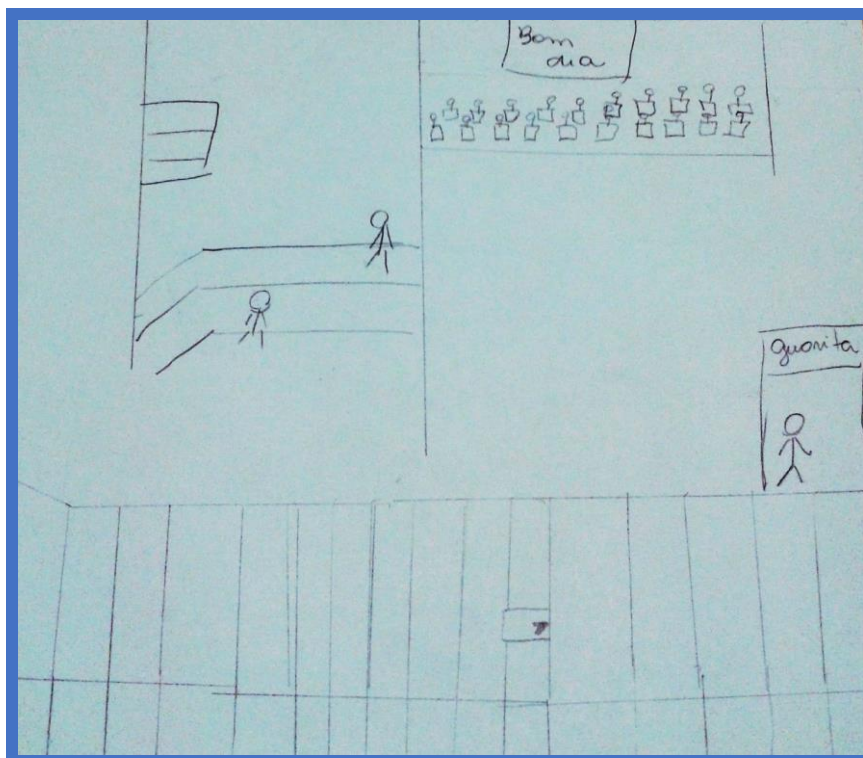
Figura 7 – Representação de aluno de 17 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Em outra interpretação, pode-se identificar como a perspectiva higienista-racionalista está presente nas Figuras 8 e 9, onde as carteiras aparecem enfileiradas, o professor na frente da sala, o prédio escolar com uma imponência que o destaca no meio urbano, em detrimento do aluno que quase desaparece nesse processo de valorização do espaço escolar (Figura 8 e 9).

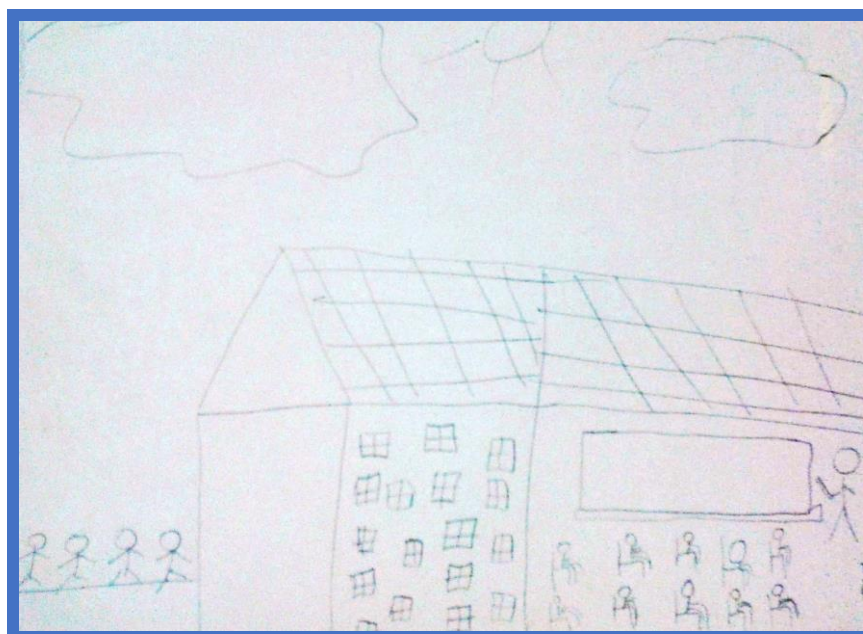
Figura 8 – Representação de aluna de 16 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Por meio da imagem, se verifica que a escola está associada a pessoas, à ordem, disciplina e organização. Ela é cercada em relação ao mundo exterior e à sociedade.

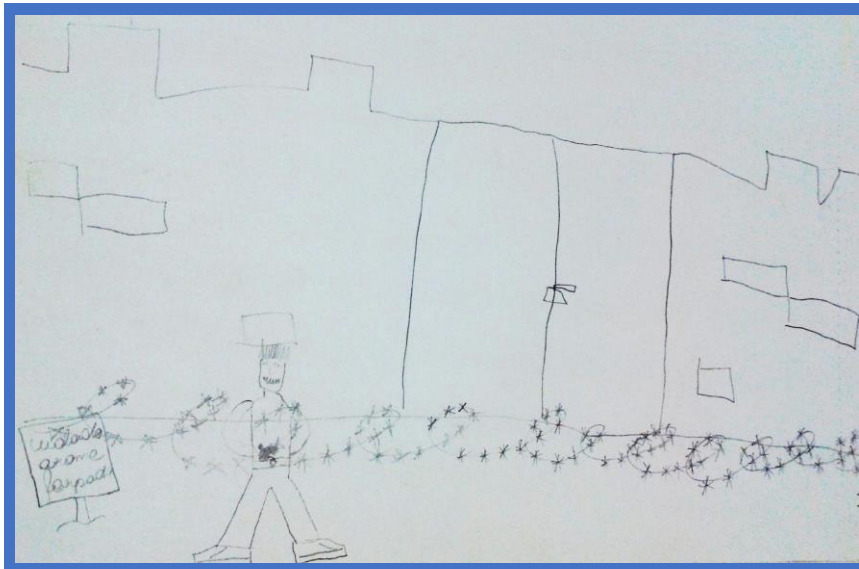
Figura 9 – Representação de aluna de 16 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Outro aspecto interessante é a representação do que Frago (1998, p. 74-80) chamou de “áreas de transição” (pórticos, corredores, áreas de espera) e também de “espaços acotados” (o espaço escolar demarcado, segmentado na sua ordenação interna), aparecendo num dos desenhos, o limite do espaço da escola demarcado por uma cerca de arame farpado, embora o cercamento da escola seja feito por colunas de concreto dispostas em paralelo, de modo a permitir a visualização tanto da área interior, como da exterior. É interessante como no imaginário juvenil a menção ao arame farpado lembra, dentre outras coisas, a ausência de liberdade, que é associada à disciplina, ao controle e à dominação presentes, segundo a visão dos alunos, no espaço escolar (Figura 10).

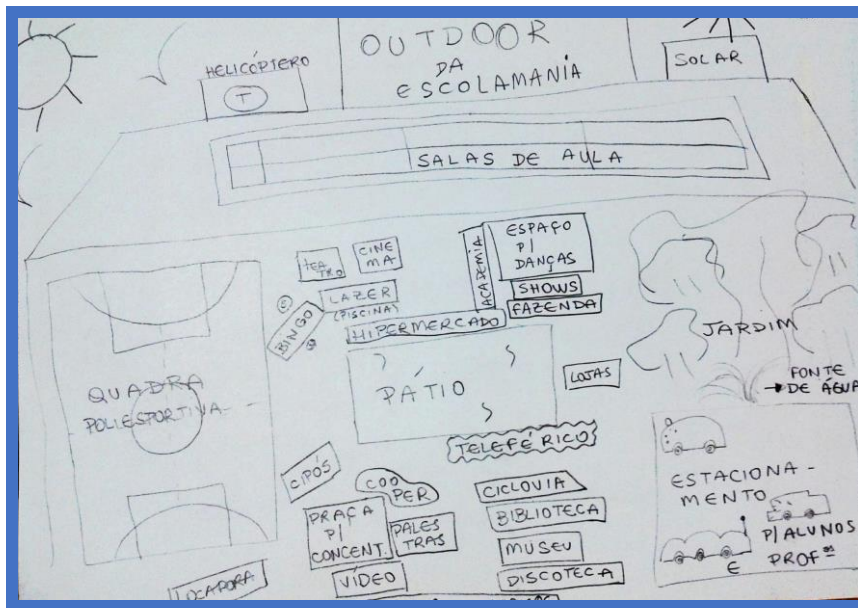
Figura 10 – Representação de aluno de 17 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Por outro lado, em dois desenhos aparece uma representação da escola totalmente contrária aos padrões higienistas de um local ideal para a aprendizagem, como nas Figuras 11 e 12 que não correspondem à realidade espacial do colégio que está bem distante de qualquer tipo de comércio.

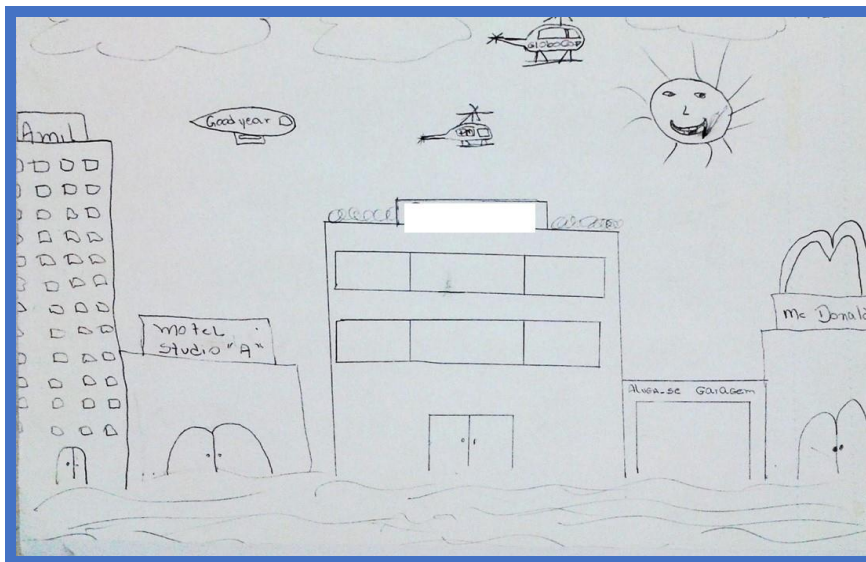
Figura 11 – Representação de aluna de 15 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo

Do lado direito da escola localiza-se uma grande área vazia de aproximadamente 10.000 m² e, ao lado dessa área, existe um hospital público que nada tem a ver com a AMIL (representada na Figura 12).

Figura 12 – Representação de aluno de 17 anos sobre a escola



Fonte: Imagem coletada pela autora deste artigo.

Observação: Inseriu-se uma tarja branca no desenho para preservar o nome da instituição.

Do lado esquerdo, há um condomínio residencial fechado. É interessante como a imaginação dos alunos criou, a partir do espaço vivido, um espaço representado, imaginado,

bem diverso do espaço real. A Figura 12 vem confirmar uma referência de Frago e Escolano sobre a disposição geral dos edifícios escolares:

[...] parece claro o predomínio geral do retilíneo sobre o redondo ou curvilíneo, assim como dos retângulos e quadrados sobre os círculos, espirais ou elipses. Uma primeira razão para isso, também óbvia, é que tais disposições, as adotadas, favorecem a visibilidade e, portanto, o controle e a vigilância. São mais lineares, mais ordenadas ou claras (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 107).

Verifica-se que a questão do controle e da vigilância, mencionadas anteriormente neste texto, estão presentes e de modo a reforçar o pensamento de Foucault (2014).

5. Considerações finais

Neste artigo apresentou-se um estudo sobre representações da escola por meio de desenhos. Ao desenhar o *lugar* onde estudam, mais do que representar o espaço escolar, os alunos fizeram uma (re)leitura da educação como um processo de configuração de espaços pessoais, sociais e de lugares reais e imaginários, representados de acordo com a sensibilidade dos adolescentes e a partir de suas estruturas de percepção simbólica, visão de mundo, vontades, aspirações, negação e crítica, sempre referindo-se à escola como lugar significativo de relações, como mediadora cultural, fonte de experiência e de aprendizagem, como espaço de contradições, extremamente disciplinadora e controladora.

Nessa perspectiva, este trabalho contribui para a educação, em seu sentido mais amplo e, mais especificamente, para o saber escolar, na medida em que apresenta a representação do espaço institucional feita por alunos de colégio técnico. Conclui-se, por fim, a partir dos desenhos coletados, que a representação da escola acaba por se confundir com a representação da própria vida do aluno, com a representação dos limites de seu corpo, de suas vontades, de seu querer – real e imaginário.

Sugere-se, para trabalhos futuros, que se realizem estudos de outras representações de alunos em outras modalidades educacionais, para que se possam desenvolver pesquisas comparativas e de evolução das concepções dos estudantes em relação à escola e ao espaço escolar.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2006.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DIMARCH, Bruno Fischer. **A imagem do professor: como a imprensa engendra discursos contra os educadores**. Publicado em 14/08/12. Disponível em: <<http://cmais.com.br/educacao/a-imagem-do-professor>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educ. Pesqui.**, vol. 30, nº 2, São Paulo, Maio/Ago., 2004.

ORTEGA, João. **Jornais repetem discurso pejorativo sobre professores**. Publicado em 30/06/2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=106097>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SANTOS, Dominique Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, ano 3, nº 6, dez./2011.

SHITSUKA, Ricardo; PEREIRA, Adriana S.; SHITSUKA, Dorlivete M. Um estudo de charges da web associando o carnaval e críticas sociais no Brasil. **RECEI – Revista Eletrônica Científica Ensino Multidisciplinar**, v. 4, n. 11. p. 357-368. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2728/1615>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

SILVA, Sérgio de Souza Brasil. Realidade digital: a globalização em fantasias. **Revista Redes**, vol. 1, nº 1, abr.-jun./1997.

VIDAL, Diana Gonçalves; GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar, **Revista Brasileira de Educação**, nº 8, maio-ago., 1998.